



**Discurso proferido na sessão de 05 de setembro de 1968,
publicado no DCN de 06 de setembro de 1968, página 881.**

O SR. PRESIDENTE EDUARDO FREI MONTALVA (Presidente do Chile) –
Senhor Presidente, Senhores representantes do povo do Brasil:

Nesta sessão solene do Congresso Nacional, quero entregar ao povo brasileiro, através de seus representantes a saudação fraterna e a invariável solidariedade do povo e da nação chilena.

Este ato, acima das pessoas, é um símbolo da história de duas comunidades humanas com iguais propósitos de paz recíproca, continental e mundial, unidos em suas gerações passadas e presentes.

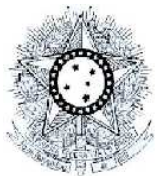
Mas aqui, no meio de vós, esse significado moral adquire, nas relações entre estas duas nações uma realidade e uma dimensão concretas. Porque nós chilenos reconhecemos no Brasil os sinais e o valor de uma grande aventura do homem, de um novo poder que surge no mundo.

Na imensidão de seu território, com riquezas só em parte conhecidas e exploradas, um povo sempre mais numeroso vive a aventura de construir uma nova civilização. Não obstante as vastas proporções alcançadas, esta obra ainda está em seu começo. Entre as grandes empresas que a humanidade vem realizando sobre a face da terra, em nossa época, poucas têm a magnitude e ao mesmo tempo o poderoso dinamismo da construção do Brasil pelo povo brasileiro.

É a marcha de muitas gerações, de nobres exemplos históricos e de uma integração racial que a todos, justamente, nos orgulha. Nela se destacam elementos vigorosos de uma grande cultura, no sentido do pensamento mais elevado e igualmente no sentido formoso da alegria popular, que, por sua mensagem de cordialidade humana, deu novas formas à alegria de todos os povos do mundo. É também a marcha de muitas gerações vindouras cujas tarefas futuras exigem uma visão social, tecnológica e política do destino deste grande povo.

Tudo isto nos mostra o Brasil resolutamente colocado no nível das responsabilidades internacionais diretas com uma amplitude mundial.

Aqui em Brasília – onde a vitalidade da agricultura e dos centros industriais começa seu avanço sobre a imensa Amazônia – vemos uma afirmação do espírito do



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

homem, onde o vosso gênio criador responde em beleza e magnitude à própria Criação que nos rodeia com uma presença de dimensões solenes; aqui vemos também uma realidade transcendente, frente à qual somos solidários, porque ela nos coloca desafios comuns e que encerra a chave de um mesmo destino.

Estamos em uma grande capital de nosso próprio futuro, do futuro de nossa América de tão profunda raiz cristã, em terras de nossa América, com homens que conhecem o gênio, a angústia e a esperança da nossa América.

A humanidade latino-americana e o próprio e sentido de grandeza que nos inspira esta grande comunidade de povos e cada uma das Pátrias que a formam, nos impõem a consciência dos valores essenciais e dos dramáticos problemas que nos unem.

Todas as nossas nações latino-americanas, grandes ou pequenas, mais ou menos desenvolvidas, guardam em seu seio tradições e grandezas, realizações e glórias humanas que inspiram a mente e o coração e que os sentimentos exaltam, com justiça, como um sagrado depósito. Mas todas sofrem também angústias crescentes, tensões cada vez mais graves, contradições que criam o clamor de dramáticas urgências, principalmente nos vastos setores da pobreza, da juventude e da intelectualidade.

Num mundo comovido, sem exceções e de maneira até agora desconhecida, pela voragem de uma crise da civilização universal, os povos e os governos da América Latina enfrentam uma grande responsabilidade, um desafio tão grave como o da própria Independência, porque nele se joga seu êxito e seu fracasso. A grande interrogação é esta: seremos uma região humana enferma e desintegrada, ou construiremos para nós e para a humanidade, uma nova ordem de progresso, uma sociedade de amplos caminhos abertos para a justiça, a liberdade e a paz? (Palmas).

Desde o princípio o amor à liberdade nos uniu. Antes e mais profundamente do que uma idéia, esse amor foi uma realidade existencial de homens chamados a criar um novo mundo em um novo âmbito da natureza e da história. Não se pode limitar todo seu sentido na expressão ideológica nem na normatividade das leis. A América Latina busca esta afirmação na própria realidade, além das fórmulas, na plenitude da soberania dos povos.

Estamos unidos pelas ameaçadoras contradições em que se realiza nosso progresso, sob o impacto acelerado do mundo que nos rodeia e que, de fora nos arrasta como uma força arrasadora.

Nossas grandes cidades se levantam e crescem na contradição que separa seus



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

setores centrais, e seus bairros modernos, das populações marginais.

O dinamismo e a promessa de oportunidades de nossos grandes centros industriais contrastam com a vida obscura e sem expectativas das cidades menores, das aldeias e dos setores rurais.

O nível de vida das minorias favorecidas pela oportunidade social e pela melhor educação separa-se progressivamente do nível da grande massa dos povos.

Como disse vosso Mário de Andrade, “juntos formamos este assombro de misérias e grandezas”.

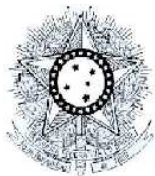
O que nos une – disso estou profundamente convencido – é a simplicidade das aspirações de nossos povos. Estas cresceram, por certo, com o progresso tecnológico que cria novos bens para todos os homens. Mas continuam modestas; são o trabalho seguro em condições dignas, que abra realmente o acesso à alimentação adequada, à saúde, previdência social, à moradia decente e sobretudo à educação dos filhos, signo essencial das expectativas de progresso. (Palmas).

É a insatisfação dessas aspirações – verdadeiras exigências mínimas da liberdade em nosso tempo – que cria a consciência de miséria injusta e de ineficácia de nossa organização social frente a brilho de um crescimento econômico desequilibrado e insuficiente. (Palmas).

Estamos unidos em virtude de uma situação comum frente ao mundo. Uma situação que é talvez nossa mais grave ameaça.

Nenhum orgulho ou ilusão, nenhum sentimento de euforia patriótica, tradicional ou cultural, pode ocultar-nos o fato mais transcendente de nossa história atual: formamos parte dos dois terços dos homens do mundo que estão retrocedendo, todos os dias, frente às alternativas do desenvolvimento moderno. Diante do formidável dinamismo centrípeto da minoria humana de alto desenvolvimento e da alta aceleração científico-técnica e industrial, todo o processo de nossa vida cultural, política, social e econômica, e ainda o próprio esforço para nosso desenvolvimento é arrastado a um dinamismo centrífugo e desintegrador. A energia vital da América Latina e seu próprio ser coletivo são levados a dispensar-se em estruturas mundiais que restringem seu poder.

Todos estes fatos estão presentes na consciência ou na intuição vital de nossa juventude, que são decisivos no continente. A esta juventude, que constitui a substância mesma da energia de nossa América Latina, devemos abrir um amplo canal de expressão para o futuro, superando todas as dificuldades e contradições do presente.



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

Devemos propiciar-lhes o acesso a um centro próprio e autêntico da existência histórica, da cultura, da integração e do desenvolvimento. (Palmas).

Desde o nascimento de nossa independência, afirmamos que a democracia constitui esse canal e este centro, por que o instituto vital de nossas nações não admite outra expressão para sua convivência cívica.

Várias gerações de latino-americanos lutaram visando a realizar a democracia em todos os nossos países. Entretanto, com demasia freqüência, ela expressou apenas, por um mimetismo cultural, o valor de uma fórmula adjetiva, de um instrumento político e jurídico, como se bastasse sua promulgação ritual para derramar sobre os povos todas as potencialidades da liberdade, da justiça e da solidariedade.

Uma experiência já mais que secular nos ensina que o ideal democrático não pode se limitar a uma fórmula superposta, a uma realidade de contradições e insuficiências. Esse ideal não pode se converter em um formulismo progressivamente estéril. Sua única alternativa de realização consiste em se alicerçar na vida real e concreta de nossas comunidades, a partir de seus fundamentos mais profundos, como uma expressão efetiva e exigente de solidariedade.

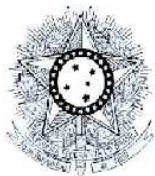
Por isso, o ideal democrático deve estar presente em todos os planos: no da moralidade, no da cultura, da legislação, da tributação, da educação, da vida social e da organização econômica.

Diante da realidade da miséria em vastos setores, a justiça se apresenta como uma condição imprescindível, como a porta de acesso, tanto no sentido moral como no material, para a integração dos povos na vida social.

A ordem jurídica e as instituições políticas já não são aceitas em toda sua extensão e profundidade se não se constituem no instrumento eficaz de um grande movimento de justiça e solidariedade e que hoje tem um nome: desenvolvimento econômico e social.

Por esse motivo, a revisão das formas atuais e a transformação das instituições constituem imperativos geralmente reconhecidos. Novos conceitos e novos ordenamentos buscam responder às exigências de eficácia na administração, à existência de novas organizações nas relações humanas e de uma autêntica representação popular.

Este onipresente movimento das aspirações e dos anseios de transformação configura a fisionomia humana da América Latina e nos põe diante do desafio de



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

compreender e orientar a vida de nossos povos, em meio à grande crise das modificações que se encontram em gestão por toda parte e em todos os aspectos de nossa realidade. Tarefa de imensa dificuldade e de riscos verdadeiramente históricos, mas tarefa que não pode ser aludida.

Podemos afirmar que, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, a América Latina, em seu conjunto, adquiriu uma consciência mais lúcida de si mesma, de seus problemas e expectativas e de sua situação no mundo. O diagnóstico de nossa realidade econômica e social, principalmente, tornou-se mais sistemático, objetivo e penetrante. A reflexão e o julgamento a respeito das manifestações e das causas de nossas contradições e deficiências adquiriram novos elementos de validade, o que permite projetar grandes esquemas de solução.

Ninguém pode deixar de reconhecer que tudo isto significa um avanço decisivo e uma grande conquista para nossa cultura e para nossa capacidade de ação.

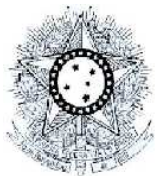
Este processo de lucidez e de julgamento objetivo tem um valor transcendente, porque se realiza primeiramente nas consciências, que é onde começam as verdadeiras transformações. Mas a prova de seu valor real não se joga no plano dos diagnósticos. Joga-se no plano de ação real, em que as mesmas deficiências e contradições diagnosticadas opõem, por mil formas, sua inércia e sua resistência.

O reconhecimento destas realidades objetivas – condição essencial para eficácia na ação – não é uma escusa para não responder às urgências apressuradas de nossos povos.

Muitos são hoje conduzidos ao repúdio presunçoso destas realidades movidas por uma espécie de fé em diversas estratégias mundiais de poder revolucionário ou de embriaguez ideológica que tende a ultrapassar os limites da emoção e do sentimento humano.

É evidente que, quando direitos essenciais são vulnerados de forma grave e sistemática, não se pode negar aos cidadãos e às comunidades o direito de buscarem os caminhos e meios que restabeleçam sua plena vigência. Isso foi o que ocorreu em nossa própria Independência.

Mas isso não deve confundir-se com a grave ameaça que hoje projetam contra a mesma possibilidade de uma ação transformadora, na paz e na liberdade aqueles que se negam a respeitar as normas jurídicas mais elementares e pregam, frente à realidade social, a violência moral e física como único meio de reduzir e suprimir os obstáculos que



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

dificultam e impedem o caminho. São pessoas que atribuem a si mesmas a monstruosa faculdade de julgar e marcar os que devem ser condenados e destruídos, e chegam ao ponto de se organizarem para a consumação de seus propósitos sob a proteção das garantias democráticas, que não respeitam. Trata-se de falsos profetas da justiça e da liberdade, mas profetas verdadeiros de tudo quanto contribui para nossa desintegração e fracasso histórico.

Diante deles, levantam-se os que negam a ver à realidade e que, para justificar tal cegueira, tudo põem em dúvida: o avanço objetivo dos conhecimentos econômicos e sociológicos, o valor humano transcendental da tecnologia, a profundidade e amplitude do processo histórico mundial e também a capacidade do espírito, do pensamento e da ação dos povos para se organizarem e para criarem novas formas de vida em paz e em liberdade.

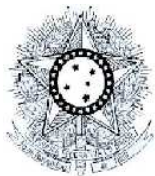
Uma atitude generalizada de temor e de resistência ao progresso inevitável da história pretende organizar-se igualmente em muitos, como uma filosofia que se dispõe, culposamente, a justificar a injustiça, a miséria e a desigualdade, como se fosse o preço, se não legítimo, pelo menos política e historicamente aceitável da ordem e progresso nacional e internacional. Este é também outro extremo da violência ideológica e moral, que degenera facilmente em violência física.

E um dos aspectos mais trágicos de nossa história presente consiste em que ambos os extremos se alimentam e se justificam reciprocamente. A violência moral e física exercida pelos que vêm nela o único caminho da transformação responde a violência dos que nela vêm o único caminho da resistência e da defesa.

É um processo de polarização geral dirigida a posições antagônicas do qual não se pode esperar outra coisa senão o transtorno paralisante e destrutivo e uma progressiva subordinação da vida da América Latina a orientações e sistemas de poder estranhos à sua verdadeira essência.

A grande tarefa desta hora é a superação desse processo.

Quando nossos povos realizaram a Independência, não a fizeram somente como um ato de rebeldia contra uma ordem que já havia perdido sua vigência. Muito acima disso, criaram, em grandes unidades nacionais, um novo espírito e uma nova ordem para a América. Foi isso que deu força a nossos países, frente ao mundo. Não a simples rebeldia de uma gesta, nem tampouco a adesão cega a filosofias estranhas. Foram sociedades inteiras, em todos os seus setores, que se integraram no ideal da liberdade.



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

Por isso realizaram uma criação permanente e dinâmica, e deram vigência mundial à soberania das nações latino-americanas.

Esse foi o momento das integrações políticas de nossas nacionalidades, da definição geral da personalidade de cada um de nossos povos.

Como poderíamos negar hoje a grande verdade de nossa fé americana no homem, qualquer que seja sua posição na sociedade?

Se uma concepção suficientemente generosa e positiva for proposta e adotada por nossos povos, ela dominará nossa história futura.

A característica mais positiva do latino-americano é sua constante busca da implantação pacífica, em todos os rincões de sua terra e em todas as atividades, de uma forma de vida verdadeiramente humana e familiar de um profundo sentido de comunidade na modesta e efetiva realização de cada dia.

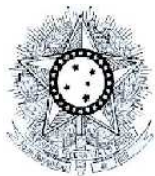
Por isso a consciência dos governantes e dos legisladores, deve compreender o imperativo urgente de uma ação rápida, completa e eficaz. Os diagnósticos em grande parte estão feitos e são conhecidos. As soluções em suas linhas gerais, são claramente perceptíveis. Somente uma ação resoluto, audaciosa e imaginativa pode abrir-nos a alma da América Latina, hoje mais do que nunca ameaçada e combatida pelos extremismos.

A publicidade desmedida das perturbações e dos transtornos provocados por exíguas minorias mantém abrumada e silenciosa a intensa maioria de nossos povos que têm profundo sentido humano e um grande amor à liberdade, e que repudiam extremismos de uma ou outra cor.

Mas não nos enganemos. Essa imensa maioria que quer paz e liberdade profunda, necessita expressar-se, e isto exige uma fidelidade inquebrantável às exigências da justiça, às necessidades sagradas da grande multidão dos pobres e uma reforma básica de nossas estruturas e instituições. Se isso não ocorrer essa imensa maioria será vítima, mas que dos extremismos, de nossa incapacidade de conduzi-la. (Palmas).

E esta ação deve ser tempestiva. E o tempo real quem nô-lo mede é o homem, sua consciência, sua esperança e muitas vezes também seu desespero. Por isso, nós – os que queremos construir um caminho criador e humano para nossa América Latina – devemos mostrar, não só as boas intenções e grandes palavras, mas eficiência na ação, para responder às justas inquietações das grandes maiorias, o mandato é atuar com integridade e atuar a tempo.

Esta é a nossa única alternativa verdadeira. A única maneira para que a



Câmara dos Deputados
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação
Escrevendo a História - Série Estrangeira

democracia não constitua um engano e uma frustração. Se não formos capazes de realizar esta ação, será inútil que nos refugiemos atrás das palavras para encobrir a incapacidade de dar soluções reais e urgentes aos problemas de nossos povos.

Esta urgência – permiti que vos diga – é na consciência dos chilenos motivo central que torna necessário um grande consenso moral latino-americano, antes mesmo e muito mais profundamente do que os trabalhosos mecanismos de integração comercial e industrial que estamos elaborando.

Não posso como presidente do Chile, como representante de meu povo, escusarme de apresentar diante de vós o testemunho de minha nação e de entregar-vos o chamado de nosso espírito.

Creemos em nosso país, que a reforma das instituições e estruturas das sociedade, da economia e da política é uma necessidade imperativa para a autêntica expressão da vitalidade e da força de nosso povo. Acreditamos nisso, a partir de diversos ângulos ou matizes de visão. Isso é parte de nossa cultura atual, de nossa angústia e de nossa mensagem americana e internacional.

A comunidade chilena está vitalmente empenhada neste desafio. Tem que superar seus próprios extremismos e tem que conquistar e construir sua própria paz. Ela o fará, por seus caminhos peculiares, que não pretendem ser um exemplo nem um ensinamento para outros povos, cujos canais de expressão somos os primeiros a respeitar e cuja diversidade é a de um continente.

Nesse espírito, amplamente presidido por nossas tradições de direito, definimos as urgências de nossa ação como uma Revolução em Liberdade.

Em nossa tarefa encontramos sem dúvida, grandes dificuldades. Em nossa tarefa, certamente cometeremos erros. Porém conseguimos fundamentalmente atingir as metas que nos havíamos proposto aos campos de Educação, da Saúde, da ordem sindical do movimento cooperativista da Produção Popular, da Reforma Agrária, da Habitação, do regime tributário, da administração financeira e do desenvolvimento econômico. Demos passos decisivos para nossa independência econômica. Na concepção e nos métodos de nossas reformas, seguimos nossas próprias idéias e nossas próprias criações. Em nossa ação, tudo quanto foi realizado é o fundamento para se empreenderem novas etapas igualmente construtivas e dinâmicas que configurem uma autêntica democracia e uma verdadeira solidariedade nacional e popular.

Eis por que não poderíamos ocultar nossa fé e esperança na integração e na



Câmara dos Deputados
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação
Escrevendo a História - Série Estrangeira

comunidade latino-americana de nações, cuja realidade forma parte de nossa nacionalidade e de nosso destino. As tarefas internas para que cada país possa alcançar sua plena integração nacional são enormes mas não são antagônicas nem podem obscurecer a necessidade real de uma solidariedade latino-americana. Sem esta, jamais poderemos sentar-nos à mesa do poder mundial para fazer valer nossa própria e límpida vontade na conquista de uma convivência real, efetiva e verdadeiramente universal entre os povos, em que sejam respeitados nossos legítimos direitos.

Tudo no mundo está ocorrendo nesta direção.

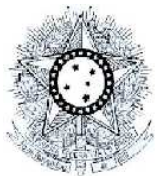
Somos parte das Américas. Reconhecemos e respeitamos a vigência do sistema interamericano. Mas cremos também que a associação destas duas Américas não poderá jamais construir uma autêntica capacidade de cooperação no ressentimento, nem tampouco poderá construí-la no desequilíbrio. Para que esta associação livre alcance sua verdadeira dimensão, a América Latina deve ter plena consciência de sua fisionomia histórica e pleno respeito a sua realidade social e cultural. Para isto, a união é indispensável. Para poder defender, nesta hora do mundo, a soberania e integridade de nossas Pátrias, como os sagrados princípios do acatamento aos direitos humanos e da livre determinação dos povos, que nestes mesmos dias vemos menosprezados, é necessário que nossa voz – que não busca predomínio mas que exige igualdade de trato, justiça e respeito na vida da comunidade mundial – não seja uma voz isolada.

Essa, a condição de nossa verdadeira independência.

Não podemos continuar sendo os imitadores ou importadores de fórmulas que não correspondem à nossa própria maneira de ser.

Com demasiada freqüência surgem, entre nós, queixas pela falta ou pela insuficiência de uma ajuda real a nosso próprio desenvolvimento, pelo desequilíbrio nos termos de intercâmbio e tratados de comércio internacional. De pouco valem as lamentações (palmas) frente ao poder ou riquezas dos outros. Elas são, muitas vezes, somente a expressão de uma debilidade que facilita os abusos e que denuncia uma falta de consciência real de nossa força e de nossas perspectivas como conjunto de povos. A solução de nossos problemas não virá pelas mãos dos outros. Só na medida em que tenhamos consciência de nossa própria realidade, em um mundo que nos pertence, seremos fator de poder e de decisão na América e no mundo.

Por tudo isto é que daqui – do seio desta grande nação de nossa América, do Congresso do Brasil, de uma tribuna tão elevada – considerei o meu dever e



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

responsabilidade, como governante chileno, não somente trazer-vos a expressão de nossa profunda amizade, mas entregar também nossa mensagem de vontade e esperança, um chamado ao Brasil, com uma imensa extensão geográfica e humana, e a toda a nossa América – porque esta tribuna é para se dirigir à América para esta grande obra histórica comum que permita a 250 milhões de seres humanos abrirem, com a crescente amplidão de seu número e de sua consciência, as portas do futuro.

Sr. Presidente, eu não conhecia as palavras com que me iam saudar dois ilustres representantes do Senado e da Câmara dos Deputados. Mas os Srs. Senadores e Deputados que os escutaram sentiram a consciência profunda que já na nossa filosofia essencial, que se deve mais à nossa unidade do que as palavras que pronunciamos.

O Sr. Senador Ney Braga disse que vivemos num mundo ameaçador como nunca, e creio, teríamos de ser cegos e surdos para não vê-lo e não entendê-lo. Como poderemos defender as nossas soberanias? Como poderemos defender a livre determinação dos povos?

Como poderemos defender nossos direitos na comunidade mundial?

É nesta hora emocionante em que vivemos ofuscados – povos pequenos sim – que eu digo: respeitem os direitos de Compromissos e Tratados.

Que outro destino temos para o nosso próprio futuro, para a nossa própria dignidade como Continente, para a criação de nossas próprias fórmulas e de nossas expressões senão unir-nos?

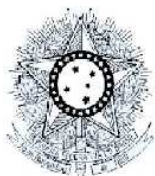
Senti que eram certas as palavras do Sr. Senador Ney Braga, que a geografia não nos permite ser vizinhos, porém não nos tem impedido de sermos irmãos. (Palmas prolongadas).

Desde o primeiro instante tive esta sensação.

Se há muito tempo temos sido amigos é porque há algo mais profundo nesta comunidade: há uma simpatia, uma cordialidade, que nasce de nossas condições humanas.

Por que estamos separados? Por que ficamos somente no plano retórico? Por que continuar escutando homens como Franco Montoro, que há vinte anos falam de integração? Por que continuar – Parlamento, Governo e Universidades – falando? Para que o mundo tenha a sensação de que nós, os latinos-americanos, somos bons para dizer as coisas, nas ineficazes para realizá-las?

Os brasileiros estão aqui. Estão levantando esta cidade, que é, no mundo



Câmara dos Deputados
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação
Escrevendo a História - Série Estrangeira

moderno, o símbolo mais extraordinário da imaginação criadora.

Os brasileiros, que têm um grande destino, não podem repetir os erros de outros grandes povos.

Sintamos esta obrigação e esta responsabilidade. Unam-se os povos da América Latina nesta sua tarefa! Sua palavra é muito importante.

Construamos neste mundo turbulento uma casa de liberdade e de paz. (Muito bem. Palmas prolongadas), em que não se repitam, monotonamente, os erros tão dolorosos para a humanidade inteira.

Que enorme tarefa temos pela frente. Por que não empreendê-la?

Os tratados jurídicos estão firmados, somos irmãos e as técnicas são tão conhecidas. Falta só a decisão política.

Por que não dar este passo?

Eu espero que esta visita não seja apenas protocolar, porque entre nós o protocolo não se justifica.

Tenho a esperança de que esta visita, de um homem modesto de um País que trabalha com esforço tenaz e infatigável, contribua para abrir essa consciência. Por que o mundo sempre nos há de dar e nos há de descobrir? Por que nós que temos terras e montanhas, grandezas com que Deus nos agraciou, não podemos pairar sobre pequenas divisões e querelas políticas internas e externas, para construir a mensagem de que o mundo necessita? É a mensagem de um continente jovem, que não está dividido nem por profundos ódios, nem por questões raciais, nem por lutas religiosas; que tem todos os elementos que Deus lhe deu, a fim de que o homem os transforme numa grande esperança para a humanidade. Muito grato, Senhores. (Muito bem; muito bem, Palmas prolongadas.)